

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

A p o s t o s

Não morre a «Velha Guarda»! No fragor da batalha, pode a força bruta dos elementos contrários abafar-lhe a voz, impedi-la de fazer ressoar, no espaço abençoado da nossa terra, o clarim que chama à luta pela liberdade, pela lei e pela democracia; mas, a alma desta legião, que é a legião da República, que é a legião da Pátria, vibra sempre sem um desfalecimento, é indomável, é enorme, é a síntese dum pensamento indestrutível, que vê, na consolidação das instituições democráticas no país, a felicidade e o progresso da terra portuguesa.

Não morre a «Velha Guarda»! Ei-la que ressurge e retoma o seu pôsto. Não poderá combater usando de todas as armas legítimas e nobres, em campo leal e aberto, peito contra peito, em condições que lhe garantam a liberdade de movimento e de acção? Nem assim fugirá da luta. Aceita o combate nas condições desiguais e de injusta inferioridade em que lhe é permitido bater-se, e entra na liça, hasteando, bem alto, bem firme e bem galhardamente, a bandeira gloriosa do Partido que melhor simboliza a própria República, o Partido Republicano Português.

E' este Partido que à Pátria portuguesa tem dado todo o seu esforço ingente, não recuando ante os mais dilacerantes sacrifícios pela República, não se deixando intimidar pelas mais atrozes, infamantes e traiçoeiras investidas dos seus ferozes inimigos, que a «Velha Guarda» continua a apoiar e defender.

Fá-lo-há com todo o calor, com todo o entusiasmo, com toda a veemência, que lhe veem da firme convicção que sempre teve, e que a sucessão dos acontecimentos só tem confirmado, de que é neste Partido que mais e melhor se pode servir a República.

Isso, porém, não a impedirá de compreender que, na hora crítica e dolorosa que se passa, a República precisa do esforço de todos os republicanos, seja qual for a bandeira partidária que os cubra.

E, porque assim o entende, enquanto melhores dias não voltarem para a Pátria portuguesa, a «Velha Guarda» renuncia ao combate, à crítica mesmo, que os actos dos republicanos, numa ocasião normal, lhe poderia merecer.

A «Velha Guarda» vai mesmo mais longe. Abre, de par em par, as suas colunas, para que nelas possam combater pela República, e defender os seus próprios actos públicos, todos quantos se queiram aproveitar desta leal, franca e generosa atitude, sem que procure indagar quais sejam os credos partidários daqueles que, para tal, se lhe dirijam.

E' pois, a «Velha Guarda», órgão do Partido Republicano Português neste concelho, combatente em tréguas com todos os republicanos seus adversários e deixa, com prazer, com a maior das fraternidades, que do campo da sua acção se aproveitem todos os que queiram contribuir para a glória da República ou desejem defender-se das investidas dos seus inimigos.

Não se abate a nossa bandeira partidária. Mas verá com orgulho que a seu lado se ergam todas as outras que não tenham a manchá-las qualquer traição aos princípios liberais e democráticos que constituem a essência da República proclamada em 1910.

A nós, todos os republicanos! E,

Viva a República!

Lutemos pela Liberdade!

E' um sagrado dever de todo o são democrata lutar pela liberdade, muito embora venham os desgostos, as surpresas, os desenganos ou as desilusões.

Tendo sido apresentada pelos estoicos como uma adesão espontânea á necessidade natural; chamando-lhe Leibniz a espontaneidade racional para a qual nos «inclinamos»; e acreditando que ela é um facto de experiência provada, como Maine de Biran o demonstra; nós outros, republicanos, partes integrantes do seu determinismo universal, nunca por nunca poderíamos ficar indiferentes ao enfraquecimento da sua automotividade não sem que o nosso gráu racional se equivallesse ao do famoso burro de Buridan, ou, melhor ainda, não sem que nos integrássemos nas fórmulas sociais já mortas.

Hemos de lutar por ela com afinco, sem um desfalecimento e sem um quebranto. Impô-la, erguê-la bem alto e isentá-la dos contágios ruins, eis a obrigação que se nos depára imperiosa.

Sabido como é, que as nações que vivem sob a sua égide, vencem, progridem, tem a vida fecunda e são respeitadas, visto que os seus governos satisfazem mais amplamente as necessidades legítimas do povo, parafraseando Edmond About, é humano e é justo que a defendamos á outrance, jogando a própria vida, por ser a síntese do poder, o domínio da própria força, a iniciativa, a regalia, a tolerancia, a vontade e o direito.

Farol d'Oreb, o seu facho é o guia da Humanidade a um tempo que uma praga atirada às estanhadas faces dos cabotinos e retrógrados!

Alto valor que, como diria Descartes, nem o ouro de todos os reis do mundo chegaria para a comprar, merece que o guardemos no escrínio do nosso coração, tão grande reliquia representa e tão bem faz o preço da nossa vida!

A mais elevada concepção, o segredo da felicidade e a arte de proteger todos os nossos semelhantes!...

*

Em Portugal, a noção da Liberdade arraigou-se profundamente no espirito do povo.

Ninguém a pode já desagregar ou destruir sequer.

E' substancia, é átomo, é célula e é vida.

Há vis reacções — legião enorme de detractores e de «women harter» — que lutam pela sua completa extinção, esvurmindo o seu ódio selvático e rosnando uma personalidade absoluta. Não se cansam e redobram de esforços!

Ah! mas a Liberdade nunca se extinguirá. E' a carne da nossa carne.

Pode, é certo, enfraquecer por sustentar luta contra os invertidos de ideias e de sexo, que desejam vê-la descida do seu pedestal de honra; contudo, a nossa fé será o tónico que a reconstituirá, tornando-a mais forte ainda, contribuindo para o seu relevamento e para a sua perduração — o rejuvenescimento da própria Pátria.

Então, ficam abertas as portas ao Futuro para que elle não as arrombe e limpo ficará o fôjo dos bandoleiros que, na adversidade, sempre nos tolhem os passos pelas encruzilhadas.

— É já precisa a luta? É já precisa a fé? Lutemos, pois. Espalhemos a fé.

¿ Acaso pode ser considerado «bolchevista» todo aquele que requer a sua liberdade?

F. C.

Porque será?

O movimento revolucionario que instituiu a ditadura militar foi de caracter militar. Continuamos a viver em regime republicano, segundo apregoam a todos os momentos os nossos dirigentes.

O Sr. Governador Civil de Braga, porém, que sempre julgamos republicano sincero, tem mimoseado Guimarães com a escolha de individualidades por Sua Ex.^ª conhecidas como monarquicas.

Ha elementos monarchicos na Comissão Administrativa da Camara; ha regedores monarchicos; ha juntas de paróquias monarchicas; ha comissões varias constituídas só por monarchicos.

Sempre gostavamos que alguém nos explicasse a razão de ser destes factos, pois parece que em Guimarães ainda há republicanos bastantes para o desempenho dos diversos corpos e comissões.

Dr. Filinto Costa

Partiu para Coimbra, onde vai fazer acto para um curso superior, este nosso presado amigo e valioso correligionario, professor da Escola Industrial de Francisco de Holanda.

Dr. Mariano Felgueiras

Passou no dia 8 de Fevereiro o aniversario natalicio deste nosso prestigioso correligionario, antigo presidente da Camara Municipal de Guimarães e Deputado por este circulo.

O sr. Dr. Mariano Felgueiras é um altissima figura politica dentro das fileiras do glorioso P. R. P. e um ardente e vigoroso republicano, que tem, desde a sua mocidade, sacrificado todos os seus interesses e todo o seu bem estar em prol da defesa sagrada da República, dos principios da Democracia e da Liberdade.

As vicissitudes da politica do nosso país obrigaram-no a exilar-se em Paris, para onde, um numero de seus amigos e admiradores lhe dirigiu o seguinte telegrama:

— «Amigos abaixo assinados felicitam veementemente pelo seu aniversario o illustre correligionario a quem desejam abraçar em breve». — Ao qual S. Ex.^ª respondeu nos seguintes termos:

— «Abel Cardoso — Guimarães. — Interpreto como demonstração lealdade e dedicação ideais que nos ligam, felicitações que tantos amigos me dirigem telegrama que abre com sua assinatura. Agradeço-as comovidamente cheio de entusiasmo e de confiança, gritando Viva a República.

Mariano, —

Desejamos ao nosso querido amigo as melhores felicidades, e, com um comovido abraço de fraternal amizade e devotada admiração, bradamos:

Viva a República!
Viva Guimarães!
Viva a Pátria!

Dr. Alfredo Pinto

Este nosso illustre e categorizado correligionario, ao ter conhecimento do reaparecimento da «Velha Guarda», dirigiu-se-nos com palavras de saudação, incitamento e fé partidária, que muito nos penhoram e regosijam.

Na hora triste que passa, qualquer manifestação de solidariedade, por mais humilde que seja a sua origem, é dum grande valor; mas, muito maior ainda, se essa demonstração de lealdade e firmeza de caracter provém duma individualidade como a do Dr. Alfredo Pinto, que se impõe a todos pelos seus altos merecimentos.

Jubilosamente a registamos.

Justiça

Reaparece a «Velha Guarda» em uma hora amargurada em que a cidade de Guimarães se vê sob o peso da tutela monárquica que mais ou menos encapotada procura dominar nos principais ramos da administração municipal.

O governo da ditadura afirma desassombadamente o seu ideal republicano e promete a todos aqueles que lialmente veem servindo a República, muitas vezes com grandes sacrificios, a garantia da manutenção das instituições.

Guimarães porém parece que tem prestígio oficial na administração e dia a dia vem aumentando o numero de funcionarios monarchicos a substituir republicanos.

Para lembrar que ainda é a Republica a mesma forma de governo, que é o Regime republicano que preside aos destinos da nossa querida Pátria, é preciso que alguém levante a voz e não se ouça simplesmente o badalar monarchico a todos os cantos e esquinas.

Para isso sai a «Velha Guarda» do seu pesado silencio. O que pretende ela? Justiça, justiça, apenas justiça. Não a movem intuitos do mando, ambições de poder, aspirações de grandeza, desejos de predomínio. Não traz fins reservados; não vem a regorgitar de fúria; não quer sevar ódios; não pretende instigar vinganças; não estimulará nunca a a indisciplina.

A «Velha Guarda» vem apregoar a Republica, vem defender a Republica, vem lutar pela Republica, pelo seu prestígio, pelo seu engrandecimento.

A «Velha Guarda» mantém no auge o seu espirito de bairrismo e quer o progresso de Guimarães, o levantamento desta nobre cidade, deste importante concelho ao nível de destaque a que tem jus pela sua inegualvel industria, pelo seu grande e honrado commercio, pela sua fertilissima lavoura.

A «Velha Guarda» pretende apenas que nesta hora de perigo, os republicanos de alma e coração, os republicanos sinceros se liguem, se unam intimamente, e lealmente em um esforço unico, heroico e decidido para a sua propria defesa, para o engrandecimento de Guimarães, para o prestígio da Pátria e da Republica.

Para isso a «Velha Guarda» manter-se-á intransigentemente dentro dos sagrados principios republicanos de sempre. E nada pede, nada mais pretende do que justiça na apreciação da sua attitude, que será sempre leal, honesta, e decidida.

Edital

A Comissão Administradora dos Bens Culturais no concelho de Guimarães:

Faz saber que, no dia 10 do corrente, às dez e meia horas, no edificio do Tribunal Judicial desta comarca, é pôsto 2.ª vez em praça, para arrendamento, o passal e residência da freguesia de S. Faustino de Vizela deste concelho, sob a base de licitação de 760\$00, por não ter sido arrematado na primeira praça.

Guimarães, 1 de Março de 1928.

O Presidente,

João de Faria e Sonsa Abreu.

Este numero foi visado pela Comissão de censura.

Na viela de S. Crispim...

— O' Comadre, vocemecê está tão amarela, parece uma defunta viva!

— Nem me fale, Compadre, venho tolhida, credo, cruces, canhoto... nunca mais passo á viela de S. Crispim...

— Desembuche e desabafe, Comadre, que de dia não há razões para êsse susto.

— Pois por ser de dia é que mais medo tive! Se o compadre visse o que eu vi! Sume-te, agua benta!...

— Já estou impaciente e a Comadre faz-me nervos.

— Cheia de nervos e a tremer venho eu; o Compadre não vê.

— Pois por isso, bote cá para fora, mulher, que me desespera.

— Ai! eu nem posso falar, Compadre. Te renego! Aquilo ou são almas do outro mundo ou gente má...

— Ou fala, ou vou-me embora, Comadre.

— Ai vai, ai vai; é que eu nem queria dizer com medo de ser empicada. Se o Compadre visse, como eu vi, ai Jesus, aquele portão, portal, ou lá que é, que está áquêle canto, socegado, sem fazer mal a ninguém, antes pelo contrario...

— A Comadre, faz-me perder a cabeça, não acaba nem por um raio.

— Eu digo pelo contrario, Compadre, porque se não fosse aquêle canto e aquêle portão, eu não tinha casado c'o meu falecido Joaquim. Foi ali que nós justamos o nosso casamento. Foi ali que conversaram a Maria, a Gertrudes, a Dores e muitas outras que já estão hoje casadas. A gente dava uma fugida quando ia ás compras e zás, lá botava duas falas num instante. E ninguém se importava. A gente que passava, nem para lá olhava. Só uma vez vi espreitar duma janela uma senhora que fugiu logo. Eu julguei até que ela nem tinha visto nada, mas fiquei espantada quando um dia o home, na botica me disse que eu namorava no portal. Eu neguei, está claro. E êle disse-me: não minta, Mariquinhas, que a minha senhora viu e disse-me tudo. Tamem retroquei-lhe logo "olhe se ela tivesse que fazer, não se metia na vida dos outros, melhor ela cuidasse dos amanhos de casa, que se fôr preciso está toda porca..."

— E' o que eu digo, Comadre, não se pode falar com mulheres; a proposito de uma coisa, metem logo vinte de permeio... Safa. Diga lá por uma vez... Senão...

— Eu vi, Compadre, eu vi com êstes, de dia, ha bocadinho, ai Jesus, que tremo toda, aquele portão a vir ó p'ra frente ó p'ra frente, — se era empurrado por gente má ou almas do outro mundo, não sei Compadre, porque êle vinha fechado, — até se ajustar c'o a viela. Tive pena dele, coitadinho, pareceu-me mesmo vê-lo chorar. Ele que tantos segredos tinha ouvido, sem dizer nada a ninguém! Que mal fazia êle, ó Compadre?

— A Comadre não está boa da cabeça, vá se deitar.

— O Compadre que me diz,

julga que estou douda ou bêbada, êle que foi de dia e li bem...

— O' Comadre, tenha paciência. Como pode ser isso, se eu há 10 minutos, não vae mais, fui ali ao Aliança beber meia, do bô, de 7 tostões e tive de ir a S. Crispim, ao canto com pressa, a Comadre, bem me entende, — e lá vi o portão na mesma, tal qual tem estado sempre!?

— E' que eu ainda não achei, Compadre, o melhor, mas disso gostei, foi o que eu vi depois...

— O' Comadre eu rebento se não diz depressa.

— Mal o portão chega ao pé da viela passa um homem côrado, valente, destes que agora podem muito e tem muita força, com umas costas largas, rijas e fortes, encosta as costas ao portão e zás... ai vae o portão ó p'ra traz, ó p'ra traz, ó p'ra traz... Eh, Compadre, que costas que fizeram num instante ir o portão p'ró sitio...

— Bem digo eu, a Comadre está indiota.

— Sim, sim, diga o que quizer, Compadre, eu só queria saber quem o empurrou ó p'ra frente. Quele há gente muito má, Compadre, eu inda me lembro, quando o meu Joaquim era vivo, duma partida que nos fez o nosso senhorio: Nós estavamos em casa, á vontade, — o Compadre, bem me entende — despescatados, quando en vejo um olho muito grande a espreitar por um buraco das trazeiras... Disse logo: ai Joaquim, o nosso senhorio e eu neste preparo. Deixa lá, mulher, gente honrada não tem olhos, nem ouvidos... E sabe, Compadre, o que nos aparece no dia seguinte? Como a lei do calinato protege os calinos e o senhorio não gramava a gente, quando chigamos da feira das Caldas tinhamos o telhado sem telhas... Pra que veio êle espreitar, se estavamos na ncssa casa?

— Olhe, Comadre, não posso mais, que tenho pressa, se o Compadre, que Deus haja de dentro, lhe furava o olho, já ela não tinha curage para fazer o que fez. Adeus!

Doentes

Tem estado algo encomodadas as Ex.^{mas} Senhoras D. Luísa e D. Amelia Lage Jordão, filhas queridas do nosso presado amigo e valoroso correligionario sr. Bernardino Jordão.

*

Encontra-se quasi restabelecido da grave enfermidade que por muito tempo o reteve no leito, o nosso presado amigo e correligionario sr. Armando da Costa Nogueira, habil escrivão de Direito do Tribunal Judicial de Guimarães. Desejamos-lhes pronto restabelecimento.

Lutuesa

Faleceu ha dias no Porto, onde acidentalmente se encontrava de visita a um seu filho, a Ex.^{ma} Senhora D. Filomena Fernandes Pôça.

A' familia enlutada e especialmente a seu filho o nosso prezado amigo e habil guarda-livros nesta cidade, sr. Manoel Fernandes d'Oliveira e Castro, apresentamos o nosso cartão de pezames.

Viva a República...

Não há crentes sem fé, não há religião sem martires.

Todos aqueles que idolatradamente se apaixonam por uma causa, defendem-a com todas as forças de que podem dispor, por ela se sacrificam, por ela dão tudo, até a propria vida.

E' por isso que vemos e admiramos aqueles que, mesmo no meio dos mais atrozes martirios, acabrunhados por dores intensissimas, crucificados pelo mais terrivel dos supplicios, parecem sorrir, que não sofrem, sempre de olhos fitos no Ideal por que se dão em holocausto.

Quão grande não é a abnegação desses estoicos, dessas almas grandes, que tanto sofrem, sem que dos seus labios jamais se ouça um leve queixume!

Quanto vos admiro!

E' a vós, queridos amigos, irmãos no pensamento, martires da nossa causa santa, do nosso Ideal a Republica, que hoje me dirijo, por intermedio da nossa Velha Guarda, para vos abraçar, para partilhar convosco a mágua de tão prolongado exilio, a dor de vos verdes separados dos entes queridos que tanto vos estremecem, e que anciam por sentir as pulsações de vossos grandes corações, os enebriantes afagos das almas magnánimas que conservais de luto nos fortes arcaboijos de lutadores.

E' a vós, irmãos queridos no mesmo Ideal, a Republica, com o mesmo sentir, com o mesmo amor pela causa que defendemos, que vos saúdo, que, aproveitando a publicação da Velha Guarda, venho pressuroso abraçar-vos, num saudoso e fraternal amplexo gritando convosco e vós comigo:

Viva! Viva a Republica!!!

N.

Pelas Taipas

A debatida questão dos lavadouros junto á estrada de Brito que há tempos parecia ter ficado solucionada com justiça e a contento dos interessados, ou seja da parte central e mais importante da população das Taipas, volta á scena de um modo aterrador.

Aqueles que aos seus deuses tinham feito solene juramento de fazer desaparecer o imemorial lavadouro, que pelos habitantes é utilizado no inverno, tomaram alento com a nova vereação municipal e ei los desenvolvendo prodigiosa actividade para que o desaparecimento se torne um facto e a sua aspiração se realize.

E assim, em lugar de concorrer para melhoramentos locais, para o progresso desta linda e tão desgraçada terra, andam aqueles a quem competia o bem, absolutamente empenhados em prejudicá-la.

E para que não suscitem dúvidas estas afirmações ai vão os factos.

Há meses, foi cometida a selvageria de demolir aqueles lavadouros que toda a gente conhece á beira da estrada, que conduz ás escolas primárias das Taipas. O povo que tinha feito á sua custa a reforma dos lavadouros insurgiu-se contra a barbaridade, cujos autores por aí são citados á boca pequena, reclamou á vereação cessante, foi-lhe reconhecido o direito por distintos advogados e feita justiça na reposição das pedras no seu primitivo estado.

Ao mesmo tempo foi mandado organizar um projecto para novos lavadouros, decentes, cobertos, para os quais seria aproveitada a agua que antigamente abastecia a povoação caso se averiguasse que o caudal era bastante para este importante melhoramento local.

Mudou-se a Comissão Administrativa e imediatamente o proprietario do terreno junto aos velhos lavadouros vai requerer a licença para vedar a sua propriedade junto á estrada. A vereação, propositadamente e erradamente informada, por quem sabia e podia dizer a verdade pois não a julgamos capaz de ter procedido com consciencia do mal que ia fazer, deferiu o requerimento, dando ao dito proprietario a licença para vedar uma coisa que lhe não pertence, visto que a servidão para a estrada é unicamente dos lavadouros, e portanto pública.

Para coroar a empresa acaba de ser votado o projecto dos novos lavadouros, sem se pensar na quantidade de agua necessaria para abastecer-los, e não tal como estava feito, mas sim com supressão da cobertura e a applicação das pedras da tradicional pôça á beira da estrada, conforme a proposta do Sr. vereador do pelouro das Taipas.

Mas como ainda há justiça e ao povo assiste o direito de reivindicar o que lhe pertence, certamente a monstruosidade não se há de consumir.

Repartição Municipal de Saúde

A nova vereação municipal encerrou, na sua primeira sessão ordinaria, os serviços desta repartição, há tempo criado pela sua antecessora.

Pelo relato que chegou até nós e por aquilo que tem sido possível apurar-se a repartição extinta vinha prestando relevantes serviços a saúde e á higiene publica, e era digna de registo a sua assistencia aos pobres.

E' indiscutível que Guimarães tem absoluta necessidade dos serviços que ali se vinham fazendo.

Não podemos estar á mercê de todas as falcatruas de generos alimenticios; é precisa a sua fiscalisação rigorosa. Não podem deixar de cumprir-se as leis de saude e urge tomar medidas de higiene. Os nossos pobres, onde tantas victimas vem fazendo a sífilis e a tuberculose, carecem de uma assistencia especial que se vinha fazendo já no Posto Medico.

Se ha irregularidades, apurem-se e evitem-se.

Se ha faltas remediam-se. Se a orientação não é perfeita modifique-se. Mas faça-se isso, a bem da saude e higiene publicas, para honra de Guimarães e não se sacrifique o supremo interesse de uma povoação ao capricho pessoal, á antipatia ou á simpatia individuais.

Comissão de Iniciativa das Taipas

Por uma portaria do sr. Ministro do Interior foram substituidos os membros desta Comissão há mezes eleita pelos srs. Dr. Machado Guimarães, Joaquim Monteiro e Francisco de Oliveira.

Os novos comissionados já tomaram posse, com grande gaudio do elemento monarchico local que exulta de contentamento e promete coisas mirabulantes a realizar pelos seus tres correligionarios, que foram substituir republicanos de sempre.

Lamentamos que esteja a fazer-se substituição de republicanos por monarchicos.

Felizmente desta vez ainda lá ficam dois republicanos intransigentes, vogais natos, nos quais confiamos e para cujo brio apelamos, esperando que não deixem de comparecer ás sessões da Comissão afim de que a Republica não seja desprestigiada nas suas proprias instituições.